



ENSINO DE LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSTRUÇÃO FORMATIVA DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Adrilene Souza Bento¹; Maria Lúcia Pessoa Sampaio², Crígina Cibelle Pereira³

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); adrilene.souza2907@hotmail.com ;
malupsampaio@hotmail.com; criginacibelle@yahoo.com.br.*

RESUMO: Discutir leitura enquanto aspecto fundante na formação do indivíduo é uma tarefa desafiadora, visto que, muitos têm sido os pressupostos e vertentes circundantes em torno dessa temática. Para estudá-la, propomo-nos a realizar uma pesquisa qualitativa, com método indutivo, que envolve três abordagens breves: primeiro, discutiremos a leitura literária no âmbito escolar; depois, abordaremos as influências da mediação da leitura em sala de aula para a construção cognitiva e crítica dos alunos; por fim, apresentaremos o resultado de questionários aplicados a alunos egressos de sala de leitura do Ensino Fundamental dos anos finais de uma escola pública, de modo a refletir as concepções de leitura desses alunos e as contribuições do ensino da leitura literária para a sua formação, após decorrido cinco anos de conclusão dos anos finais do Ensino Fundamental destes alunos. Mediante os estudos teóricos bibliográficos realizados e por meio das reflexões do questionário aplicado concluiu-se que as leituras literárias realizadas com os alunos, quando mediadas significativamente, ficam em sua memória e, não só ressignificam a vida, mas contribui decisivamente para o caráter formativo e a construção crítica e reflexiva enquanto condição humana.

Palavras-chave: Leitura literária, Aula de leitura, Formação Leitora

INTRODUÇÃO

A leitura, como sabemos, tem sido foco de muitas discussões teórico-metodológicas em diferentes contextos de estudos, seja no meio acadêmico, em cursos de formação e na própria educação básica. Isso se dá em virtude da preocupação ainda recorrente acerca dos problemas de leitura evidenciados na escola e, conseqüentemente, na sociedade atual.

O que temos notado e que tem sido reforçado por diferentes estudiosos, dentre eles, Solé (1988), é que a aquisição da leitura é imprescindível, uma vez que permite ao indivíduo agir de forma autônoma, pois a ausência dessa habilidade ocasiona uma profunda desvantagem àqueles em que a aprendizagem não foi realizada.

Dentro dessa perspectiva, objetivamos evidenciar a sumária representatividade do ensino de leitura para a construção formativa dos alunos, ao passo em que reconhecemos a leitura literária enquanto transformadora, no sentido de sua potencialidade permitir ao leitor



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

trilhar caminhos seguros, ressignificar seus conhecimentos e experiências, emaranhar-se em tessituras inapreensíveis e “tropeçar” nas linhas do texto literário. Esse tropeçar, segundo Larrosa (2002), promove a experiência que se contrapõe ao mundo funcional da informação que o texto literário possibilita e que por vezes afeito à noção provável escolar, bem como ao ensino de literatura na escola.

O trabalho aqui apresentado envolve abordagens breves: primeiro, discutiremos a leitura literária no âmbito escolar; depois, abordaremos as influências da mediação da leitura em sala de aula para a construção cognitiva e crítica dos alunos; em seguida, apresentaremos os aspectos metodológicos e por fim, analisaremos o resultado de uma pesquisa, no formato questionário, realizada com alunos egressos de sala de leitura do ensino fundamental dos anos finais de uma escola pública, de modo que possamos refletir quais as concepções de leitura desses alunos e quais as contribuições do ensino da leitura literária para a formação após cinco anos de conclusão dos anos finais do ensino fundamental destes.

Para tanto, nos respaldamos nos pressupostos teóricos de estudiosos como Candido (1995) que aborda a leitura numa perspectiva humanizadora, em Cosson (2014) ao contribuir com as discussões em torno do letramento literário e os círculos de leitura, Solé (1988) no que diz respeito às estratégias de leitura, Antunes (2009) ao abordar o ensino possível da leitura na escola, dentre outros estudiosos também importantes para a constituição desse estudo.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: A LEITURA QUE (TRANS)FORMA

Discutir leitura enquanto aspecto fundante na formação do indivíduo é uma tarefa desafiadora, visto que, muitos têm sido os pressupostos e vertentes circundantes em torno dessa temática. Porém, nos propomos a apresentar uma pesquisa qualitativa e de método indutivo, na qual o foco em evidência é o ensino da leitura literária na instituição escolar enquanto (trans)formadora e que ultrapassa os muros da escola.

Passados cinco anos, propusemo-nos a aplicar um questionário a uma turma de alunos egressos de sala de leitura, a fim de refletirmos, dentre outros aspectos, a contribuição da leitura literária para a formação destes estudantes.

A turma supracitada refere-se a um grupo de alunos do último ano do Ensino Fundamental dos anos finais (9º ano) de 2011, que freqüentavam uma vez por semana aulas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de leitura. Essa proposta foi lançada pela Secretaria Municipal de Educação a uma escola pública no município de Encanto, Rio Grande do Norte, a saber, Escola Municipal Maria Pereira Leite, no intuito de haver uma aula semanal exclusiva de leitura em turmas de ensino fundamental. Na ocasião, os alunos se dirigiam a uma sala específica, chamada *sala de leitura*, e nesse ambiente os mesmos liam, junto ao professor de leitura, diversos gêneros e obras literárias. A escolha de cada obra lida bimestralmente era coletiva e as turmas e professora, em comum acordo, decidiam qual seria o livro trabalhado naquele período.

O interessante desse trabalho de leitura desenvolvido é que os alunos eram incumbidos de, ao final de cada livro, organizar uma apresentação criativa e em grupo, de modo que, conforme suas habilidades, demonstrassem para as outras turmas da escola sua compreensão das leituras realizadas e motivassem os outros alunos a lerem e conhecerem o livro que leram.

A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA E O PAPEL DA INSTITUIÇÃO ESCOLAR PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

A proposição do ensino de cada escola é refletida sobre a concepção que cada instituição escolar tem sobre o que é ler, de modo que, como afirmam Colomer e Campos (2002) quando se observa a progressão das atividades de leitura mais recorrentes, podemos observar sua inter-relação com a evolução significativa da aprendizagem dos alunos.

Muito tem se discutido sobre a leitura literária na escola e que o papel da instituição escolar contribui para a formação de leitores, porém o que precisamos evidenciar é que as leituras escolares precisam fazer sentido para o leitor, de modo que proporcionem sua autonomia, como afirma Solé (1988):

Poder ler, isto é, compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos contribui de forma decisiva para a autonomia das pessoas, na medida em que a leitura é instrumento necessário para que nos manejemos com certas garantias em uma sociedade letrada. (SOLÉ, 1988, p. 18)

Corroborando as palavras de Solé (1988) e refletindo os estudos realizados, nos parece mais compreensível e as pessoas também precisam compreender que é a leitura que nos permite pensar, sermos seres autônomos e agir criticamente em nossas práticas sociais.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Temos evidenciado muitas discussões, em documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e nas diretrizes de bases educacionais, a importância da leitura na escola, que um dos seus principais compromissos é desenvolver nos alunos as competências de leitura e escrita, principalmente no ensino fundamental.

Porém, o cenário brasileiro de leitores tem contraposto essa relevância e isso é evidenciado por Cosson (2014, p.11) “Segundo os resultados da Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2012, os brasileiros lêem em média quatro livros por ano em contraste com 4,7 em pesquisa semelhante em 2007.” O autor enfatiza ainda que quando levada em consideração a leitura de um livro completo esse número diminui para 2,1. Ou seja, estamos longe de sermos um país de leitores e isso nos preocupa por reconhecermos o importante papel da leitura para uma sociedade letrada. Nesse sentido, nos propomos a perguntar: qual o papel da escola na constituição desse cenário? A escola estará, de fato, cumprindo com o seu compromisso de formadora de leitores?

Nos dizeres de Antunes (2009), as instituições escolares ainda não almejam a proficiência da atribuição do ensino de leitura, afinal o que se tem visto e ouvido são relatos de professores a respeito das deficiências de leitura e compreensão dos alunos. Ademais, a prioridade no ensino ainda tem sido o estudo de gramática, na maioria das vezes, de maneira descontextualizada, onde o texto é utilizado como pretexto para exercícios e à leitura não é atribuído um sentido plural, mas sim unívoco, em uma só direção, em que os alunos não se sentem livres para refletir, pensar, “viajar” no mundo da leitura.

Corroborando os estudos de Kleiman (1993), no que diz respeito à escola propor uma situação prazerosa para a leitura, a autora discute que esta é ainda uma prática ausente, pois a instituição escolar parece não ter reconhecido a ação de ler numa perspectiva de formar leitores encantados e no sentido de possibilitar a fruição. A descoberta pelo prazer de ler pode, inclusive, ser almejada por meio do trabalho com a leitura literária.

Sendo assim, ressaltamos que as práticas de sala de aula necessitam adotar o letramento literário enquanto processo no ensino e não simplesmente leituras aleatórias de obras de literatura. Afinal, conforme Cosson (2014) o ensino literário deve ser entendido enquanto discurso e de forma crítica pelos alunos, levando-os a ir além do consumo simplório de literatura.

Bortoni-Ricardo (2012), traz discussões pertinentes ao notar a necessidade de a instituição escolar redirecionar o seu foco atual, ou seja,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

passar a considerar o ato de ler como uma atividade de responsabilidade mútua, na qual os sujeitos ativos do processo sejam alunos e professores, desvinculando a antiga concepção de leitura mecânica e individual.

Cabe-nos ainda ressaltar que embora tenhamos enfatizado a relevância da leitura literária na escola, é importante reconhecermos que a formação de bons leitores não se dá somente na/para a instituição escolar, mas, como afirma Solé (1988, p. 100) “para a vida e exige maior diversificação nos seus propósitos, nas atividades que a promovem e nos textos utilizados como meio para incentivá-la.” (SOLÉ, 1988, p.100)

A MEDIAÇÃO DA LEITURA E A MOTIVAÇÃO NA PRÁTICA DO PROFESSOR

Embora as discussões aqui apresentadas revelem a importância da leitura literária na escola, outro aspecto relevante e que merece destaque é a mediação do professor no trabalho com a leitura, principalmente no que concerne à motivação dos alunos, pois é por meio dela que os estudantes sentem-se preparados para receber as múltiplas vozes do texto, afinal “[...] a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor.” (COSSON, 2014, p. 56).

O compromisso do professor com a mediação de leitura solidifica a qualidade do ensino e a aprendizagem do aluno, à medida que possibilita a compreensão de que, conforme Bortoni-Ricardo (2012), quanto mais disponível o professor para a mediação do ensino de leitura, mais significativa será a relação professor-aluno em sala de aula e, conseqüentemente, melhores serão os resultados dessa mediação.

O que temos notado é que um dos maiores entraves para o ensino de leitura é a falta de interesse dos alunos, porém, estudiosos como Solé (1988, p. 43) discutem que o interesse pode ser criado e motivado pelo professor, pois “Ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que seja capaz de explorar.” De todo modo, o que nos parece necessário compreender é que por maiores que sejam as dificuldades metacognitivas do indivíduo, por maiores que sejam suas deficiências no que tange à compreensão de um texto, a mediação do professor faz toda diferença nesse processo.

Uma discussão pertinente e que se inter-relaciona com o que temos refletido sobre mediação são os círculos de leitura abordados por Cosson (2014), pois proporcionam uma



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aprendizagem coletiva e colaborativa, além de possuírem um caráter formativo que ampliam os aspectos de interpretação da leitura individual e através da socialização dos envolvidos no círculo por meio do diálogo da obra discutida.

A mediação torna-se ainda mais significativa quando conduzida por bons e experientes professores, nesse sentido nos parece coerente compreender a mediação “como uma posição humanizadora, positiva, construtiva e potencializadora no complexo mundo da relação educativa” (TÉBAR 2011, p. 74).

Assim como Cândido (1995) trata dos aspectos da leitura enquanto humanizadora, também Tébar (2011) ressalta a mediação nessa mesma perspectiva, ao defini-la:

A mediação é um fator humanizador de transmissão cultural. O homem tem como fonte de mudança a cultura e os meios de informação. O mediador se interpõe entre os estímulos ou a informação exterior para interpretá-los e avaliá-los. Assim, o estímulo muda de significado, adquire um valor concreto e cria no indivíduo atitudes críticas e flexíveis. A explicação do mediador amplia o campo de compreensão de um dado ou de uma experiência, gera disposições novas no organismo e produz uma constante retroalimentação informativa (*feedback*). Trata-se de iluminar a partir de diferentes pontos um mesmo objeto do nosso olhar (TÉBAR, 2011, p. 77)

Em suas palavras, Tébar (2011) aponta importantes contribuições ao tratar dos estímulos que são direcionados ao indivíduo por meio da mediação, no sentido de, criar no outro, ações críticas e flexíveis, além da condução do mediador ser preponderante para ampliar a compreensão e a experiência leitora.

Na mesma perspectiva, Maia (2007, p. 19), discute a relevância da mediação no processo de ensino aprendizagem e na relação professor-aluno ampliando essa noção ao afirmar que, “como mediação, entende-se tanto o envolvimento afetivo do professor com a obra literária, como realização de práticas de leitura para/com a criança, em que o diálogo entre texto e leitor, mesmo iniciante, seja incentivado”. Sendo assim, o que nos deixa evidente é que para ocorrer mediação é necessário haver afetividade e que a interação entre o texto e o leitor precisa ser incentivada, afinal, o professor é o principal responsável para a concretização dessa tarefa.

Mesmo sabendo que o professor é peça principal na tarefa de mediação leitora, muitos ainda se encontram confusos diante de tamanha responsabilidade, desse modo o que nos cabe



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

indagar é: o que pode fazer o professor “mediador” para proporcionar o envolvimento dos alunos durante as leituras literárias? Todorov (2010) nos traz, não uma resposta pronta e acabada, mas nos direciona frente a esse desafio ao afirmar que podemos despertar o interesse dos alunos pela literatura resumindo o que já foi elaborado por teóricos e críticos e que os professores não necessitam ir diretamente aos romances e às obras extensas e complexas, eles podem apresentar aos alunos o quanto os livros, por eles mesmos, podem ser esclarecedores, afinal o que compete à mediação é ensinar os alunos a amarem a literatura e não trabalhá-la de forma imperativa.

Ainda, em se tratando dessa importante prática escolar que é a mediação leitora, ressaltamos a definição de Garcia (1992):

Mediar a leitura é estar no meio de uma atividade essencial à escola, à vida, sem tomar nas mãos as rédeas do processo, como se fosse o professor o único a saber o caminho; é estar presente mesmo que sutilmente ausente; é saber que o ato de ler é condicionado por condições e características psicológicas, sociais, econômicas e intelectuais de cada indivíduo e, nesse sentido, cada leitura faz parte de um todo maior (GARCIA, 1992, p. 37).

Corroborando as idéias de Garcia (1992), compreendemos que a mediação do professor nas aulas de leitura é uma prática escolar de suma importância, uma vez que, além de indispensável à escola, é indispensável à vida e influência nas mais diversas condições do leitor ressignificando suas distintas características.

AS INFLUÊNCIAS DO ENSINO DA LEITURA LITERÁRIA PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA E REFLEXIVA DE ALUNOS EGRESSOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Passados cinco anos da experiência com aulas de leitura literária, nos propomos, neste ano de 2016, interrogar a dezessete alunos do último ano do ensino fundamental de 2011, de que modo as leituras literárias interferiram (se interferiram) na sua formação, quais os momentos mais marcantes vivenciados pelas leituras realizadas, qual(is) obra(s) mais marcaram a vida de leitor e por que.

Quando questionados sobre a importância da leitura literária para a formação, os alunos responderam que foi importante em diferentes aspectos. O que mais nos chamou atenção é que a maioria deles afirmou que as aulas de leitura foram de suma importância para



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

o desenvolvimento da escrita em diferentes contextos de comunicação, isso foi evidenciado quando, dos dezessete alunos que responderam ao questionário, quinze ressaltaram que a leitura permitiu transformá-los em leitores críticos e reflexivos e que a literatura se tornou ainda mais presente em sua vida. Porém, somente dois alunos responderam que a leitura os possibilitou a aprender normas da língua.

Desse modo, compreendemos que as aulas de leitura foram decisivas para formação desses alunos, principalmente para a escrita e para a motivação, por mantê-los leitores que refletem o que lêem não somente no contexto escolar, como evidenciamos nas palavras da aluna X 002 *“A leitura me fez desenvolver a escrita, pois sempre tive a dificuldade em escrever, além de me ajudar bastante a interpretar notícias, e textos em geral”*. Outro aspecto relevante que refletimos à luz de muitos teóricos, como Antunes (2009) e com base nas respostas coletadas, (mas que até hoje a escola insiste em adotar) é a leitura como pretexto para aprender normas gramaticais. Porém, essa concepção parece não ter surtido efeito nem no contexto escolar nem na vida dos alunos e isso é evidenciado quando somente dez por cento dos dezessete alunos questionados mencionaram as normas da língua como preponderantes para sua formação.

Essa importante relação mútua com a palavra, que é permitida por meio da leitura, promove a vinculação do leitor com o mundo de tal forma que quanto mais se aproxima da palavra, maior é a aproximação tanto dos desejos do leitor como dos desejos do outro. Lois (2010) discute sobre essa relação com o texto, no sentido de possibilitar ao leitor o desenvolvimento de sua sensibilidade e que nos torna ainda mais próximos do potencial aprendiz de nossos alunos.

Uma discussão relevante e que parece ser coerente nas atividades de leitura é o registro dos alunos daquilo que aprenderam com a leitura literária. E, esse aspecto foi evidenciado também nas respostas, pois quando questionados sobre os momentos mais marcantes das aulas de leitura, treze dos dezessete alunos responderam que foram os registros do que aprenderam por meio de maquetes, teatro, cartazes, enfim; como afirma a aluna X005 *“Os momentos mais marcantes das aulas de leitura dos livros, foram ver o que foi absorvido por cada um, através das adaptações e produções baseadas nas obras. Todos tentavam mostrar aquilo que compreenderam das histórias em maquetes, peças teatrais, desenhos das principais cenas em cartolinas, etc.”* Desse modo, fica evidente que o trabalho com a leitura literária necessita de um direcionamento, os alunos precisam ver sentido naquilo que lêem,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

necessitam “dar vida” às leituras, sentem a necessidade de demonstrar seu potencial criativo daquilo que compreenderam e isso ficou muito claro nos questionários respondidos.

Analisando as respostas, ainda no que diz respeito aos momentos mais marcantes vivenciados nas aulas de leitura literária, boa parte dos alunos respondeu que as discussões em conjunto foram de suma importância para o desenvolvimento cognitivo e para a compreensão da leitura, como informa a aluna referenciada como X017, a passagem mais marcante dos momentos na sala de leitura era *“O momento em que sentávamos em círculo para a leitura de uma obra, o diálogo, a leitura em conjunto [...]”* Esses círculos de leitura, essa interação entre os sujeitos no momento em que se ler determinada obra literária é fator preponderante; afinal, como discute Cosson (2014), a leitura coletiva e colaborativa possibilita o caráter formativo dos indivíduos.

Ainda nos propusemos a investigar se esses alunos egressos, distanciados há cinco anos das aulas de leitura, lembram de alguma obra literária que os marcaram e o que de especial havia nesse livro que os fazem lembrar dessas histórias até hoje. Corroborando as respostas desses alunos identificamos que a maioria cita romances e crônicas e justificam a escolha por se tratarem de histórias que os levam a refletir e a relacionar com o seu dia a dia. A obra mais citada pelos estudantes foi o romance *Os miseráveis* de Victor Hugo, como informa o aluno X001 *“Um dos livros que mais marcou minha vida estudantil foi “Os miseráveis” (Victor Hugo), pois apresenta uma história que pode ser relacionada ao nosso cotidiano e que traz reflexões que contribui de maneira significativa na sociedade”* [adaptado]. Também, outro aluno, o qual identificamos como X008, cita a mesma obra *“Me recordo bastante do livro “Os miseráveis” porque os trabalhos decorrentes foram maravilhosos e marcaram muito meu ensino fundamental. A história foi muito envolvente e eu contava as horas para chegar o dia da leitura para saber o que ia acontecer com os personagens”*

Em suma, o que podemos concluir e que ficou evidente na análise das respostas do questionário é que o trabalho com a leitura literária na escola é reconhecidamente uma prática pertinente e necessária, dado seu poder transformador e que se perpetua para experiências formadoras desses alunos. Embora saibamos que não há como traçarmos um perfil definido de leitor, haja vista que, como afirma Pennac (2008):



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Tem aqueles que nunca leram e têm vergonha, os que não têm mais tempo de ler e que cultivam o remorso, há os que não lêem romances, só os livros úteis, ensaios obras técnicas, biografias, livros de histórias, há os que lêem e não importa o quê, os que “devoram” e têm olhos que brilham, há os que só lêem os clássicos, meu senhor, “porque não há melhor crítica do que a peneira do tempo”, os que passam a sua maturidade a “reler” e aqueles que leram o último livro tal e o último tal outro, porque é preciso, o senhor sabe, estar atualizado [...] (PENNAC, 2008, p. 68)

Refletindo as palavras de Pennac (2008), os estudos realizados e as considerações feitas pelos alunos, por meio do questionário aplicado, percebemos cada vez mais, a importância da leitura literária na escola e o quanto seu papel é indispensável para a formação humana do indivíduo. Afinal, o que nos parece evidente compreender é que não importa o gênero que será lido, não almejamos um perfil exato de leitor, o que realmente nos interessa é que a leitura literária se faça presente, que ela aconteça na escola satisfatoriamente ao ponto de ressignificar o caráter formativo dos alunos.

CONCLUSÃO

Os estudos realizados e as análises das questões respondidas pelos alunos egressos de sala de leitura nos permitiram solidificar a importância do ensino da leitura literária na escola, uma vez que permite desenvolver nos estudantes, dentre muitas habilidades, o senso crítico e reflexivo, além de desempenharem bem a leitura e a escrita não somente no contexto escolar, mas em diferentes práticas sociais.

As palavras dos alunos nos permitiram concluir que a leitura pode sim ser uma atividade agradável, formativa e interessante. E, também, como afirma Smith (1989, p. 211), “Tem consequências típicas de qualquer tipo de experiência que possamos ter.”

Quando lemos, a obra literária aponta para algum tipo de identificação nossa com a leitura, afinal, lemos por algum motivo, seja o que gostamos ou um gênero que nos identificamos, seja por sugestão de alguém que respeitamos a opinião ou pelo sucesso de uma determinada obra, como afirma Rezende (2013, p. 107). De todo modo, o importante é compreendermos que, seja por qual motivo for ou qual seja o tipo de identificação, o que necessitamos é levar a leitura literária para a escola, aos jovens, é reconhecermos o quanto importante é o seu papel para a construção do caráter formativo dos alunos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Com isso, concluímos que o educar é sinônimo de se relacionar, é compreender que as experiências com a leitura, o que é dito em sala fará parte da vida de cada aluno e, tendo em vista isso, é importante cuidarmos das palavras e dos gestos, principalmente quando matemos contato com os estudantes. Todavia, como discute Lois (2010, p. 71), não estamos a “fabricar uma falsa idéia de que o professor é infalível, ou que não pode tropeçar em suas próprias limitações, mas que deve reconhecer todas as suas dificuldades para se relacionar melhor com elas e com seus estudantes.” Por isso, a nossa preocupação em destinar um capítulo da discussão desta pesquisa para a mediação do professor, por reconhecermos a relevância do seu desempenho ao mediar a leitura literária em sala de aula.

Por fim, nosso estudo vem a contribuir, através das discussões apresentadas, para um melhor ensino de leitura literária, na medida em que pode ajudar a professores das diferentes áreas a refletirem como é relevante o trabalho da leitura literária na escola e como podem contribuir tanto para o ensino aprendizagem dos alunos como para a sua formação humana nas práticas sociais.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BORTIONI-RICARDO, S. M. **A mediação da leitura**. In: Leitura e mediação pedagógica. (org) [et al] São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BRASIL, Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEB, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

COLOMER, T e CAMPS, A. O ensino e a aprendizagem da leitura. In: **Ensinar a ler, ensinar a compreender**. Tradução Fátima Murrad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

COSSON, R. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura na escola de 1º grau: por uma outra leitura da leitura.** São Paulo: Loyola, 1992.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria e prática.** 3 ed. Campinas – SP: Pontes, 1993

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Revista Brasileira de Educação, número 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

LOIS, L. **Teoria e prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores.** São Paulo: Paulinas, 2007.

PENNAC, D. **Como um romance.** Porto Alegre: L&PM Editores, 2008.

REZENDE, N. L. de. O ensino de literatura e a leitura e literária. In: DALVI, M. A; REZENDE, M. L. de.; JOVER-FALEIROS, R. (orgs) **Leitura de literatura na escola.** São Paulo: Parábola, 2013.

SMITH, F. Lendo, escrevendo e pensando. In: **Compreendendo a leitura: uma análise psicolingüística da leitura e do aprender a ler.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1988.

TÉBAR, L. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação.** São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

TODOROV, T. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. 2 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.